



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

COMPLEXIDADE, ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO NA ERA DO INDIVIDUALISMO ¹

COMPLEXITY, CULTURAL STUDIES AND EDUCATION ON THE AGE OF INDIVIDUALISM

Cristina Trentini ²

¹ Trabalho realizado para a disciplina de Educação Contemporânea e Racionalidade.

² Estudante mestranda do Curso de Pós-Graduação *Strictu Sensu* Educação nas Ciências.

RESUMO

O artigo propõe uma investigação dos conceitos da complexidade e estudos culturais, bem como a sua relação pode edificar a sala de aula do século XXI, levando em conta aspectos e características do cenário atual e como a tecnologia vem afetando o ser humano e suas relações. Para tanto, é realizada uma análise através de pesquisa acerca dos paradigmas da educação, bem como os conceitos de complexidade a partir do ponto de vista de Edgar Morin, além de escritos acerca dos estudos culturais e as especificidades sociais da contemporaneidade. Ademais, uma breve exposição de ideias advindas de experiências empíricas é também produzida. Ao final, é realizado um resgate sobre os temas abordados com críticas relacionadas aos modelos explicitados no trabalho, bem como reflexões sobre a educação planetária, o destino e as possibilidades da educação.

Palavras-chave: Tecnologia. Educação. Complexidade. Estudos culturais. Hipermodernidade.

ABSTRACT

The article proposes an investigation of concepts of complexity and cultural studies and how their relationship can build the 21st century classroom, taking into account aspects and characteristics of the current scenario and how technology has been affecting human beings and their relationships. Therefore, a research analysis is carried out about the paradigms of education, as well as Edgar Morin's concept of complexity in addition to writings about cultural studies and the social specificities of contemporaneity. Furthermore, brief exposition of ideas arising from empirical experiences is also produced. At the end, a review of the themes addressed is made along with criticism related to the models explained in the paper, as well as reflections on planetary education, the destiny and possibilities of education.

Keywords: Technology. Education. Complexity. Cultural Studies. Hypermodernity.

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade é fruto de um extenso desenvolvimento histórico e reformas paradigmáticas na ciência e educação, que caminham juntas há séculos. Em revoluções e



inovações sociais e tecnológicas, nos vemos a cada dia, ano ou século, mais transformados em nossas atividades cotidianas, de lazer, profissionais ou educacionais. Transformações, estas, que vêm apontando lacunas em diversas áreas de construção social, e que na educação, tem freado o crescimento crítico dos jovens na escola e no ensino remoto, tendo como principal rival o uso da tecnologia em demasia, bem como seus reflexos.

Para compreender os porquês destas lacunas, é necessário investigar as características do nosso século e as idiossincrasias de paradigmas da educação específicos, no intuito de melhor compreender os sujeitos que somos e também com aqueles que convivemos e as particularidades histórico-sociais que carregam, enquanto que somos todos produtos dessa hodierna sociedade.

Ainda, objetiva-se traçar uma reflexão a respeito do sujeito atual, a complexidade e sua relação com os estudos culturais no cenário educacional, e como ambas podem trabalhar juntas em um cenário humanizado do ensinar e aprender.

DISCUSSÃO INICIAL

Na atualidade vivemos em sociedades que rapidamente vêm e estão se adaptando cada vez mais às demandas tecnológicas a fim de suprir extensas necessidades econômicas, proporcionar inúmeros confortos, avanços à longevidade humana, prover soluções para necessidades fisiológicas, diminuir distâncias, enfim... Ainda que haja tantas melhorias e benefícios para as pessoas, a tecnologia também apresenta aspectos negativos.

Esta negatividade frequentemente é apontada como a substituição do homem pela máquina, que vem ocorrendo desde a Revolução Industrial, a partir do século XVII. Foi durante o Iluminismo que o homem se libertou do mito e da fé como fontes de saber absolutos e passou a focar em si mesmo como senhor do cosmo e da natureza, *exaltando sua liberdade com uma visão de individualidade*.

Produtos em série fornecidos com rapidez, eficiência, baixo custo e em altas quantidades superam em venda e baixo custo aqueles confeccionados à mão por mestres ou anciões, muitas vezes em áreas geográficas marginais, carregadas de significado cultural e histórico. Famílias



de sapateiros e ferreiros que passaram seu ofício de geração em geração, ciganos, nômades ou nativos indígenas que com artesanato produzem sustento reserva, por exemplo, perdem cada vez mais seu espaço e desenvolvimento social para esta individualidade subjetiva que traz a indústria.

Desde então, o processo de crescimento tecnológico se relaciona com a desumanização do sujeito, colocando o homem cada vez mais como parte de uma engrenagem que trabalha *individualmente* para o todo (e não com o todo), afirmam Behrens e Oliari (2007).

Aprofundando as noções de individualidade, seu crescimento exponencial durante a Revolução Digital está transformando áreas como a pesquisa, compras, reservas em hotéis e passagens de avião, música e cinema, para citar alguns exemplos, de como a economia se adaptou ao século XXI (Barroso, 2019). Estas demandas cada vez maiores e mais rápidas atendem a uma economia capitalista que se move juntamente com pessoas também mais velozes – em buscas por informação, relacionamentos, renda ou entretenimento, através da rede digital.

Bauman (2001) define nosso tempo como modernidade líquida, de relações inconsistentes e instáveis. Estas características de volubilidade têm provocado diversos problemas, mas mais precisamente nos sistemas educacional e político, formatando a primeira com homogeneidade, e como consequência descartando suas características vernáculas e históricas, como descrevem Berticelli e Ramlow (2018).

Um conceito ainda mais apurado sobre a nossa realidade é construído por Lipovetsky (1989), que mesmo no século passado, descreveu a nossa atual condição como *hipermodernismo*. O autor aponta o período como uma intensificação singular de três características modernas: o mercado, o indivíduo e a ascensão tecno-científica. No que concerne ao tema proposto para este texto, o hipermodernismo tem incrementado forças mercadológicas, difundido o idealismo da individualidade romantizada e agilizado o avanço da tecnociência, comprova o autor.

Este forte individualismo do sujeito que, focado em si, ainda vive e se relaciona em sociedade, se conecta com milhares de pessoas também individualistas ao redor do mundo. Compartilha vivências, fotografias, textos, vídeos e tem ainda a possibilidade de conversar ao



vivo com pessoas de qualquer país ou região. Constrói relações *online*, estuda remotamente, exerce sua profissão e confia na tecnologia como um “terceiro braço”.

Ao mesmo tempo que tem mais acesso imediato a outros indivíduos, o sujeito hipermoderno se vê cada vez mais isolado em sua própria existência, muitas vezes inclusive sem conseguir encontrar-se em si mesmo ou incapaz de engajar-se em sua comunidade. Ao passo que o distanciamento da essência do ser cresce, a economia acompanha, almejando cada vez mais produzir e vender, render e crescer.

Quando se trata da vida cotidiana, aplicativos muito populares, sempre com anúncios pagos, trazem as facilidades que o homem e a mulher modernos – ou hipermodernos – buscam para atender seus desejos: Google³, Netflix⁴, YouTube⁵, Spotify⁶, iFood⁷, Uber⁸ e Waze⁹, Instagram¹⁰, Facebook¹¹, TikTok¹² e Tinder¹³ são alguns exemplos (Barroso, 2019).

Destarte, por mais que tenhamos encontrado formas de nos conectar com muitas pessoas em apenas um toque de tela, a complexidade do sujeito, ainda latente, fica desatendida na velocidade em que se vive, trabalha, estuda, ama. Em virtude de sermos seres cognoscentes, não é possível que aplicativos preencham necessidades afetivas ou emocionais, principalmente dentro deste atual quadro de individualismo generalizado. Com isto, surgem questionamentos que anseiam por respostas objetivas, utilitárias e não-reflexivas, que venham a saciar dores humanas, vivenciadas por seres complexos.

É possível assim identificar uma época de não-reflexão e uma busca automatizada por soluções livre de esforço cognitivo, ou seja, uma realidade de crise da crítica (Corrêa, 2013).

³ Empresa multinacional de serviços online e softwares estadunidense.

⁴ É uma provedora de filmes e séries em serviço de *streaming* que atua globalmente.

⁵ Plataforma de compartilhamento de vídeos *online*.

⁶ Serviço de streaming de música, podcast e vídeo.

⁷ Empresa brasileira do ramo de entrega de comida pela internet, atuante no Brasil, México, Colômbia e Argentina.

⁸ Prestadora de serviços eletrônicos em transporte privado urbano, serviço semelhante ao tradicional táxi.

⁹ Aplicativo *mobile* que atua através GPS e informa os usuários sobre a rota da região em que se localiza.

¹⁰ Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, hoje focada em vendas de empresas e comércios físicos e online.

¹¹ Conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social.

¹² Aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos.

¹³ Multiplataforma de localização de pessoas para serviços de relacionamentos online.



Dessa forma, Corrêa (2013) sintetiza:

As novas dinâmicas dos enfrentamentos, culturais e políticos do presente, que exigem uma reflexão acurada e sensível às especificidades dessas novas configurações, se debatem com a demanda por simplificações utilitárias e instrumentais cada vez mais agudas (CORRÊA, 2013, p. 11).

Esta forte busca do homem pela simplificação interfere na compreensão de que ele é complexo, e coloca em risco o esvaziamento de dita complexidade. Ainda que o homem seja criador de todo o maquinário e conhecimento tecnológico que lhe permite fazer ciência, criar foguetes espaciais e chegar tão longe no universo conhecido, toda essa inteligência avançada não compreende a capacidade de resolver a complexidade do seu criador: *a tecnologia não tem a habilidade de desvendar a essência humana.*

A mesma questão é aplicável ao sistema educacional, através do modelo newtoniano-cartesiano de ensino. Portanto, embora vivamos no século XXI, ainda convivemos com o método cartesiano, que divide “o conhecimento em áreas, cursos e disciplinas” (BEHRENS E OLIARI, 2007, p. 59).

De dentro instituições de ensino passaram a emergir profissionais especialistas em campos demasiadamente específicos, que não transitam entre disciplinas, considerados detentores do saber. Morin (2003) explica que a hiperespecialização dos professores acaba por encerrar-se em si mesma, não permitindo sua própria “integração em problemática global ou em uma concepção de conjunto do objeto do qual ela considera apenas um aspecto ou parte” (MORIN, p. 13, 2003).

Professores e profissionais, em suas áreas, ao mesmo tempo que não transitam em outras disciplinas ao desempenhar seu ofício, não expandem seus próprios horizontes, visto que a necessidade de aplicação do seu conhecimento na profissão finda por não exigir este movimento. Por fim, se tornam pessoas tão focadas em um único assunto que este acaba por tornar-se o único ponto de vista a ser trabalhado, discutido, investigado ou vivido. A maioria das vezes ocasiona ainda em falta de comunicação com outras áreas de conhecimento e dificuldades em trabalhar de maneira integrada e horizontal, incapaz de adentrar um espectro holístico.



Dessa forma, a escola é atingida por uma visão tradicional de ensino e com professores afastados de seus alunos, que são meros espectadores, copiadore e reprodutores de um conteúdo hiperfocado. As experiências dos estudantes acabam não sendo levadas em conta e oportunidades de criação e compartilhamento de vivências não são geradas, assim colocam Behrens e Oliari (2007). Os alunos que reproduzem as informações com excelência são premiados com boas notas, números que representam seu nível de “conhecimento”.

Os ambientes de educação oferecem conservatoriedade, memorização e ritualização de heranças culturais e saberes. Os eventos que hoje acontecem, amanhã serão transmitidos por estes mesmos ambientes, da mesma forma que há séculos são trabalhados, seja em escolas ou universidades.

Almeida e Carvalho (2007) afirmam que:

[...] o caráter conservador da Universidade pode ser essencial, assim como estéril. A conservação é de importância capital se significa salvaguarda e preservação. Só se pode preparar um futuro quando se salva um passado, mesmo que estejamos num século em que forças de desintegração múltiplas e potentes encontram-se em andamento. A conservação é estéril, se dogmática, fixa e rígida. (ALMEIDA E CARVALHO, p. 15-16, 2007)

Utilizando o termo “Universidade” como representante universal das instituições de ensino, percebemos que, como descrevem as autoras acima, esta também cria ambientes estéreis, ou seja, incapazes de criação ou renovação, visto que atua com contextos dogmáticos, gerando modelos de ensino que não circulam entre os sujeitos envolvidos no ambiente de aprendizagem. Ainda, Morin (2003) ressalta que “todos os problemas particulares podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário”. Dessa forma, dividir e especializar as disciplinas impossibilita a integração e apreensão do complexo, do que “é tecido junto”, ainda de acordo com o autor. Morin (2003) ainda ressalta que

em vez de corrigir esses desenvolvimentos, nosso sistema de ensino obedece a eles. Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, p. 15, 2003)



Dessa forma, “a humanidade submergiu a um processo de fragmentação, de atomização e desvinculação, alienando-se da natureza, do trabalho e de si mesmo, ficando a cultura dividida, os valores mais individualizados e os estilos de vida mais patológicos.” (BEHRENS E OLIARI, p. 67, 2007). Os valores anormalmente individualizados desde a escola, somados ao contexto de sociedade líquida de Bauman, formam pessoas centradas apenas em si mesmas, buscando sempre a própria valorização e reconhecendo e normalizando sua cultura antes ou acima das demais, quando não excluindo por completo as que não considera relevantes.

Ou seja, são homens e mulheres com concepções antropocêntricas de si mesmos, afastados dos demais membros de diferentes grupos e incapazes de crítica ou pensamento complexo acerca de desafios ou confrontamentos sociais. Indivíduos que vivem em um mundo facilitado pela tecnologia, onde grande parte das questões são resolvidas com alguns toques em botões digitais, dispensando qualquer interação humana. São duas fortes questões de afastamento da humanidade da sua humanidade que enfrentamos nos dias de hoje, que justamente geram uma crise de humanidade para nós, a própria humanidade.

Morin (2003) propõe uma reforma do pensamento acerca do homem e suas relações consigo, o mundo e o seu espaço. Este modelo sugere uma nova visão que se apoia no avanço do paradigma da ciência, impulsionando a revisão dos processos fragmentados do conhecimento e buscando a reintegração do todo, afirmam Behrens e Oliari (2007). Assim, é possível dizer que:

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários. Em tal situação, tornam-se invisíveis: os conjuntos complexos; as interações e retroações entre partes e todo; as entidades multidimensionais; os problemas essenciais. (MORIN, p. 13, 2003)

São colocadas assim em xeque as incertezas provenientes do acelerado crescimento tecnológico, a educação bancária (Freire, 1997), a dependência do homem à tecnologia, a exacerbada especialização sem comunicação entre áreas de conhecimento e a rapidez com que vivemos. É preciso criticar a forma como estamos cada vez mais presos a rotinas vinculadas a listas pré-moldadas de “como resolver os problemas do cotidiano” e a falta de um olhar crítico



ao próprio estilo de vida. Esquecemos que existem possibilidades no horizonte da incerteza, diversidade e pluralidade, coloca Morin (2003).

O autor propõe a reintegração do todo visando religar os fragmentos e fazer com que o contexto dos envolvidos seja visto como pertencente à gama de referências durante o momento de estudos. Diante deste contexto, Pinho *et al* (2020) alerta que, ao fazê-lo com o olhar no amanhã, a tecnologia não deve ser empregada com as mesmas práticas dos paradigmas tradicionais, mas sim, produzir inovação na gestão escolar e também na docência, acionando uma mudança na escola e de paradigmas.

Conseqüentemente, o pensamento complexo é relevante ao quadro pois permite uma perspectiva integrada e ampliada, oferecendo a interligação dialógica necessária entre as lógicas aqui desenroladas, sendo elas complementares, concorrentes ou antagônicas. À vista disso, seja talvez viável uma resolução que priorize a humanidade da humanidade, através da tecnologia, em um período de liquidez.

Da mesma forma que o ponto de vista da complexidade aplicada à educação abre trilhas de conhecimento do eu e o reconhecimento de si como integrante de um ecossistema social muito além de nossos interesses, a tecnologia oferece grandiosas oportunidades para uma maior integração, investigação e humanização dos indivíduos aprendentes,

sendo assim, a escola precisa mudar em direção a uma nova cultura voltada para a inovação, a invenção, e o pensamento crítico. Além de incentivar a criatividade, a cooperação e a resolução de problema, entre outras competências para, enfim, dar lugar ao paradigma emergente da educação. (PINHO *et al*, 2020, p.5)

Destarte, a relação que a complexidade e a tecnologia podem criar em direção a uma mudança é muito promissória. Ainda que estejamos muitas vezes sendo controlados pelos *gadgets*, ao invés de utilizá-los como uma bengala, têm-se aí uma ferramenta para iniciar uma provocação aos estudantes, a fim de instigar novos interesses e uma expansão de horizontes além do foco centralizado em si.

Aqui, o princípio dialógico permite a compreensão da realidade em muitas possibilidades, de forma que não seja necessário negar uma ou outra para que somente uma delas exista. A partir deste pensamento, que oferece uma perspectiva superior e criativa acerca



da sociedade e mundo, a relevância dos estudos culturais também entra em cena com o objetivo de fortalecer a reintegração do homem consigo mesmo. Não obstante, Corrêa (2013), ao citar Wallerstein (2002), explica que ambas as teorias atacam o mesmo objeto: a ciência natural baseada no princípio newtoniano. Expõe ainda que as questões que são consolidadas por este formato são expostas como fatos universais e que esquecem de parcelas inteiras da humanidade, não apenas em sua pedagogia, mas também em sua epistemologia de investigação.

A principal conexão entre a complexidade e os estudos culturais trabalhada neste texto é que ambos rejeitam um discurso pré-moldado e alienante, buscando afastar-se da *expertise* asséptica (SILVA, 2020), aquela que é superespecializada e não edifica o contexto humano em sua aplicação. Ao contrário, defendem o professor como uma fonte pública de cultura, conceitos interligados com as experiências reais da sociedade, além de uma comunicação ativa com o seu estudante, e que consideram o *background* de cada sujeito envolvido como fonte de conhecimento e riqueza cultural relevantes ao aprendizado. Buscam a recusa de uma visão individualizadora e homogênea dos aprendentes, evitando ao máximo transformá-los em candidatos para uma manipulação de manada¹⁴, por exemplo. As “manadas não gostam de perguntas, angústias, dúvidas, incertezas e agitação. Tudo deve ser calmo, quieto, antidepressivo para que o mesmo *siga em frente*” (TÁRTARO E SOUZA, p. 9, 200-?), ou seja, prefere-se a hipersimplificação e definição concreta de um ou outro, e não ambas ou todas as possibilidades, buscando *manter tudo igual*.

DEBATE

Diante da aproximação entre a complexidade e os estudos culturais que se buscou fazer até aqui, costurando seus alicerces em prol de uma humanização na escola que busca o sujeito

¹⁴ Termo usado para descrever situações em que indivíduos em grupo reagem todos da mesma forma, embora não exista direção planejada, utilizado por Nietzsche ao descrever o comportamento humano de manipulação e obediência pelo governo regente.



histórico-social-cultural no interior do indivíduo *cyborg*¹⁵, a partir de agora investiga-se no campo empírico e na pesquisa, subsídios para corroborar estas hipóteses.

Ora, se estamos em uma desordem e constante afastamento do que nos torna humanos, cercados e transformados por elementos artificiais que, no intuito de facilitar o dia a dia acabam adicionando pressão psicológica ao contexto profissional por meio de cobranças contínuas; nos afasta da nossa percepção de ser humano com ideais inatingíveis do que é belo com imagens retocadas artificialmente; possibilitam mensagens instantâneas e muitas vezes por conveniência ou falta de tempo, substituem encontros presenciais com amigos e familiares; facilitam o ataque e *bullying* virtual à inimizadas ou até desconhecidos; viabilizam a troca de ideias em grupos de ódio; e num geral, arrancam de nós nossa essência primária de compreensão e acolhimento ao próximo, submetendo nossas atividades à operações automatizadas. É por isso que se acredita que através de um resgate à complexidade do *homo sapiens* em sua origem cultural e histórica, é possível trazê-lo de volta para perto de sua humanidade, em um ambiente receptivo e tolerante, evoluindo sua condição de hipermodernidade à um patamar de essência viva.

Giroux (2013), através da obra organizada por Silva (2020), alega que é possível oferecer um ensino interdisciplinar, crítico e engajado, a fim de possibilitar aos estudantes a oportunidade de uma educação que tenha sensibilidade suficiente para compreender as forças dominantes da sociedade e que os muna de ferramentas e habilidades para desmontá-las de sua dominância e reverter a situação a seu favor. Este ensino é claramente complexo em sua abordagem, tendo em pauta as muitas possibilidades de interpretação que consideram todos envolvidos, suas origens, seus objetivos e demais pilares fundamentais do âmago dos sujeitos, os estudantes *e também* aqueles que ensinam.

Fica claro que o foco desta mudança está nos jovens de idade escolar e ainda aqueles na graduação. A “juventude é constituída no interior de linguagens e práticas culturais que se intersectam de forma diferente entre (e dentro de) questões de raça, classe, gênero e diferenças sexuais” (SILVA, p. 95, 2020), e as partes que formam o todo de seus próprios sujeitos devem estar na pauta do planejamento e gestão dos conteúdos, relações entre tópicos e interrelações

¹⁵ Criado por Bill Green e Chris Bigum, o termo aparece no texto “Alienígenas na Sala de Aula”, parte do livro organizado por Tomaz Tadeu da Silva (2020), que descreve a geração associada à rapidez do ecossistema digital na qual nasceu.



entre disciplinas, visando engajar o diálogo e o intercâmbio de experiências para dar vez e voz àqueles distanciados, apagados ou ignorados por trás de uma tela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer sobre a complexidade e suas relações com o cenário tecnológico e educacional do momento e procurar por um caminho de retomada para a humanização do sujeito não é uma tarefa corriqueira. Pelo contrário, é adentrar uma densa discussão que possibilita inúmeras ramificações e trilhas, e esta foi apenas uma delas, a partir do ponto de vista dos estudos culturais. É preciso ter em mente que este debate nunca irá se findar, sendo exatamente necessário para que evolua de acordo com a necessidade humana e demanda social.

A educação caminha para uma direção de contínua mudança, sem previsões de resultados ou exatidão sobre os indivíduos que virão a viver e comandar a sociedade onde ela mesma atua. A única certeza é sobre o que é necessário fazer hoje, para garantir a mudança de amanhã, e é este o desafio do século XXI: transformar as engrenagens do sistema copernicano para um movimento fluido e agregador do todo, envolvendo a essência histórica, cultural de cada um, compartilhando do todo de outros sujeitos em diferentes lugares.

Confiando que o texto tenha elucidado eficientemente os assuntos acerca da complexidade, estudos culturais, tecnologia e este tempo líquido de individualidade, “as mais diversas metamorfoses na sociedade planetária e estreitando o uso das tecnologias entre as gerações” (PINHO *et al.*, p. 10, 2021), espera-se que a escola seja capaz de mudar e acompanhar este movimento dinâmico, utilizando as tecnologias e suas potencialidades para reescrever o ensino-aprendizagem dos anos que virão a seguir, afirma Pinho *et al.* (2021), ao citar Silva e Silva (2019).

Nessa perspectiva, os estudos culturais tomam força aliados às tecnologias disponíveis para investigação e integração, fazendo crescer a roda de experiências para um formato que se pareça com o caleidoscópio da complexidade, para uma educação planetária, inclusiva e continuada, colocando em prática os ensinamentos de Edgar Morin (2011), que têm impacto dialógico, recursivo e hologramático.



Através de todos os pontos discorridos, concluímos que esta mudança ocorrerá diante da colaboração dos líderes em buscar uma sociedade crítica e que realmente é representada em todas as instâncias, vista e celebrada pela sua diversidade. Sociedade, esta, que buscamos cada vez mais tornar humana ao sobrepujar os modelos tradicionais e engessados de rotulação e reprodução do *igual*. Enfim,

“podemos tornar o mundo menos injusto; podemos torná-lo mais belo; podemos aumentar nossa cognição sobre ele. Tudo o que precisamos é construí-lo, e para fazê-lo só temos de raciocinar juntos e lutar para obter uns dos outros o saber especial que cada um de nós for capaz de captar”. (WALLERSTEIN, p. 202, 2002 *apud* CORRÊA, p. 13, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. 2001. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar

BEHRENS, Marilda Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4156>>. Acesso em 07 de jun. de 2021.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. Aproximações entre os estudos culturais e da complexidade na alta modernidade. Disponível em <http://filosofia.com.br/vi_res.php?id=21>. Acesso em 02 de jun. de 2021.

FÓRUM DE HUMANIDADES, 1. 2013. Macaé. Disponível em: https://www.academia.edu/8615474/APROXIMA%C3%87%C3%95ES_ENTRE_OS_ESTUDOS_CULTURAIS_E_DA_COMPLEXIDADE_NA_ALTA_MODERNIDADE. Acesso em 02 de jun. de 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. 1989. A era do vazio. Lisboa: Ed. Relógio D'água MORIN. Edgar. O Método 1, 2, 3, 4, 5,6 (Coleção). Editora Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. A religião dos saberes: o desafio do século XXI. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. O problema epistemológico da complexidade. 3. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2002.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. 1995. Terra pátria. Porto Alegre: Sulina



"OS MÉTODOS: O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE - Resenha" em Só Filosofia. *Virtuous Tecnologia da Informação*, 2008-2021. Disponível em <http://filosofia.com.br/vi_res.php?id=21>. Acesso em 02 de jun. de 2021.

PATTO, M. H. S. (org). *Introdução à Psicologia Escolar*. 3 ed. ver. Atual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. Disponível em <<http://funab.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Freire-1997.-Educacao-bancaria-e-educacao-libertadora-1-5.pdf>>. Acesso em 06 de jun. de 2021.

PINHO, *et al.* A formação humana na educação digital numa perspectiva moriniana. *Polyphonia*, v. 32/1, jan.-jun. 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/67397>>. Acesso em 12 jul. de 2021.

RAMLOW, R. R., BERTICELLI, I. A. (2018). A EDUCAÇÃO NA COMPLEXIDADE CONTEMPORÂNEA. *Revista Contexto & Educação*, 33(106), 72–83. Disponível em <<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2018.106.72-83>>. Acesso em 03 de jun de 2021.

SANTAELLA, Lúcia. Não há divórcio entre a evolução biológica humana e a revolução tecnológica. entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU*, São Leopoldo, ed. 381, 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4218-luciasantaella>>. Acesso em: 05 jun. de 2020.